

CRISTIANISMO E CULTURA

# BROTÉRIA

VOLUME 176

1

JANEIRO 2013

**EDITORIAL**

**Construir a Europa**

ANTÓNIO VAZ PINTO, S.J.

**A Constituição *Sacrosanctum Concilium***

CARLOS CABECINHAS

**O multiculturalismo faliu?**

RUI MARQUES

**Os bancos centrais e os políticos**

FRANCISCO SANSFIELD CABRAL

**Os 150 Anos da unificação política da Itália**

MANUEL FERRO

**A fulguração da morte na obra literária de Daniel Faria**

MÁRIO GARCIA, SJ

**A sacralidade laica republicana**

FERNANDA SANTOS E JOSÉ EDUARDO FRANCO

**REVISITANDO A BROTÉRIA**

**S. João de Deus e o seu estilo**

MÁRIO MARTINS

**NOVOS LIVROS E RECENSÕES**

BROTÉRIA

JANEIRO 2013

A  
6  
28



REVISTA PUBLICADA PELOS JESUÍTAS PORTUGUESES DESDE 1902

BIBLIOTECA GERAL  
UNIV. DE COIMBRA  
REVISTAS

# *Brotéria*

1

Cristianismo e Cultura

VOL. 176

Janeiro 2013

Série Mensal

Assinatura para 2013: Portugal 55,00 € (IVA incluído); U. Europeia 90,00 €; Outros países 95,00 €

Número avulso: 6,00 € (IVA incluído)

Números atrasados (+3 anos): preço actual

NIB: 000701010046166000225

ISSN 0870-7618

Depósito Legal 54960/92

Tiragem: 1100 exs.

**Director** *António Vaz Pinto SJ*

**Conselho de Direcção** *António Júlio Trigueiros SJ*  
*Domingos Terra SJ*  
*Manuel Morujão SJ*

**Conselho de Redacção** *António Júlio Trigueiros SJ*  
*António Vasconcelos de Saldanha*  
*Carlos Borrego*  
*Daniel Serrão*  
*Domingos Terra SJ*  
*Francisco Sarsfield Cabral*  
*Henrique Leitão*  
*Inês Lage Pinto Basto*  
*Isabel Horta Correia*  
*Manuel Braga da Cruz*  
*Miguel Corrêa Monteiro*  
*Raquel Vaz Pinto*

**Recensão e Crítica** *Francisco Pires Lopes SJ*  
*Isidro Ribeiro da Silva SJ*

**Bibliotecário** *António Júlio Trigueiros SJ*

**Secretariado** *Ana Maria Pereira da Silva*  
*Ana Rodrigues*  
*Isabel Tovar de Lemos*

**Propriedade** *Brotéria – Associação Cultural e Científica*  
*NIPC 503312070*

**Direcção, Administração,  
Assinaturas e Distribuição** *R. Maestro António Taborda, 14 • 1249-094 Lisboa*  
*Tel. 21 396 16 60 – Fax 21 395 66 29*  
*E-mail: broteria@gmail.com Site: www.brotéria.pt*

**Design Gráfico** *Teresa Olazabal Cabral*

**Impressão e acabamentos** *MINHOGRAFE – Artes Gráficas, Lda.*  
*BRAGA - Portugal*

## ÍNDICE

- 5 EDITORIAL  
*António Vaz Pinto, S.J.*  
**Construir a Europa**
- 7 *Carlos Cabecinhas*  
**A Constituição Sacrosanctum Concilium**
- 27 *Rui Marques*  
**O multiculturalismo faliu? Diversidade e Identidade Nacional na União Europeia**
- 35 *Francisco Sarsfield Cabral*  
**Os bancos centrais e os políticos**
- 41 *Manuel Ferro*  
**Os 150 anos da unificação política da Itália e a questão da unidade nacional italiana**
- 49 *Márcio Garcia, S.J.*  
**A fulguração da morte na obra literária de Daniel Faria (10.04.1971 - 09.06.1999)**
- 61 *Fernanda Santos e José Eduardo Franco*  
**A sacralidade laica republicana: re-conversão mítica de linguagens e ritualidades religiosas**
- 80 REVISITANDO A BROTERIA  
*Mário Martins*  
**S. João de Deus e o seu estilo**
- 91 NOVOS LIVROS e RECENSÕES

### Construir a Europa



Celebrou-se há dias (22.1.2013) os 50 anos da assinatura do chamado Tratado do Eliseu, firmado entre a França e a Alemanha e assinado por De Gaulle e Adenauer. François Hollande deslocou-se a Berlim e foi recebido por Angela Merkel e o Parlamento alemão, tendo-se pronunciado os discursos da praxe.

O Tratado não foi um acontecimento qualquer, mas um acontecimento fundante: França e Alemanha, vizinhos e inimigos nas 2 grandes guerras do século XX, em 1963 reconciliaram-se formalmente e comprometeram-se a unir esforços e a olhar em conjunto o futuro, sobretudo o futuro da Europa.

Excluindo o Reino Unido, que está fora do Continente, França e Alemanha são naturalmente os 2 “colossos”, sem os quais a Europa, e concretamente a União Europeia, não pode existir e crescer.

Mergulhados na profunda crise financeira, económica e social que o mundo e em especial a Europa atravessam, sobretudo face aos novos países emergentes, temos a tendência para esquecer os enormes benefícios que a aproximação política, económica e financeira trouxe à própria Europa e também, em particular, a Portugal: um período incomparável de paz, o desenvolvimento económico e cultural, o alargamento do “estado social”, o aprofundamento dos direitos do Homem, etc., etc.

É certo que não é fácil gerir uma União Europeia com 27 membros, esbater as diferenças económicas, estabelecer os

mecanismos e práticas financeiras adequadas; é certo que as dificuldades são reais, muitas e grandes.

Mas, sem União Europeia (ou equivalente) estaríamos melhor? As instituições passam por crises (e muitas vezes por crises de crescimento), tal como as pessoas humanas. Mas isso não significa a morte a curto prazo... Pode até tornar-se ocasião de crescimento.

Para isso, parecem-nos necessárias 2 condições: antes de mais, apostar na política e na vontade política – o Tratado agora celebrado não foi mais do que isso; só depois vieram os contornos, jurídicos, técnicos, financeiros, que trouxeram a Europa até aqui. A outra condição, de igual importância, é que a Europa não seja construída só pelas instâncias de Bruxelas, longe dos cidadãos e das suas instituições; para que tenha futuro, é indispensável que todos sejamos chamados a construí-la.

# A Constituição *Sacrosanctum Concilium*

P. Carlos Cabecinhas\*

**N**a carta Apostólica *Porta Fidei*, com a qual anunciou o Ano da Fé, o Papa Bento XVI afirma: “Descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada, e reflectir o próprio acto com que se crê, é um compromisso que cada crente deve assumir, sobretudo neste ano” (n. 9). Este artigo ocupa-se sobretudo da fé celebrada, partindo da Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Liturgia.

Por estar na origem da reforma litúrgica pós-conciliar, o fruto mais visível do Concílio, ocupar-se da Constituição litúrgica quer nos seus princípios teológicos, quer nas suas indicações pastorais, ajuda a conhecer as razões e princípios que guiaram essa reforma e explicam o modo como hoje celebramos a fé em Igreja.

## Natureza da Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC)

O documento que nos ocupa é uma das 4 grandes Constituições do Concílio Vaticano II, mas ocupa um lugar à parte, situação que se torna evidente no modo como é designada: enquanto a *Lumen Gentium* e a *Dei Verbum* são designadas

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* foi o primeiro documento do Concílio Vaticano II, o que permite lê-la como chave de leitura do conjunto da obra conciliar. Depois de algumas reflexões sobre a natureza deste documento conciliar, apresentar-se-á de forma breve a sua génese e a sua importância no conjunto dos documentos conciliares. De seguida, serão elencados alguns dos conteúdos fundamentais da Constituição litúrgica. O artigo conclui com uma reflexão sobre a recepção e actualidade do documento em questão.

\* Doutorado em Liturgia. Reitor do Santuário de Fátima.

os bancos centrais, por sua iniciativa, estão a entrar no campo político. Perante a ineficácia dos governos, quem actualmente conta na política económica são os bancos centrais.

Nos EUA o sistema político está bloqueado, fazendo com que as divisões entre Republicanos e Democráticos impeçam, ou pelo menos dificultem muito, a redução do défice federal, que anda pelos 9% do PIB; na UE a austeridade imposta pelos governos para reduzirem os défices orçamentais trava o relançamento económico.

Com maior ou menor relutância, os banqueiros centrais entraram na área política, geralmente com o aplauso dos governos. O que vira do avesso o debate sobre a sua independência em relação aos políticos. Dizem alguns: se os bancos centrais agora fazem política (além da tradicional política monetária), melhor será então que eles sejam democraticamente subordinados a órgãos eleitos pelos cidadãos, isto é, aos governos – como acontecia há poucas décadas atrás. Em Portugal era assim, até aparecer o euro; o ministro das Finanças dava instruções ao governador do Banco de Portugal.

## Os 150 anos da unificação política da Itália e a questão da unidade nacional italiana

Manuel Ferro\*

No contexto das comemorações dos 150 anos da proclamação do estado unificado, realizadas em 2011-2012, revisitaram-se e questionaram-se as imagens, preconceitos, fantasmas, medos e inseguranças que acompanharam a construção da Itália enquanto nação. Estabeleceram-se comparações entre a Itália de hoje e a de 1861. Apesar da crise dominante, de uma economia estagnada<sup>1</sup>, de uma situação política marcada pela corrupção e escândalos sucessivos de natureza diversa<sup>2</sup>, da questionação do modelo de desenvolvimento seguido, o certo é que, neste século e meio, a Itália passou de um Estado com uma economia atrasada, sem influência no mundo, para uma potência europeia economicamente desenvolvida<sup>3</sup>. A população superou o estádio de pobreza para o de um nível de vida considerável, se comparado com os padrões mundiais. A proporção da alfabetização cresceu de 31,2% para 98,6% e a esperança média de vida subiu dos 33 para 80 anos<sup>4</sup>.

Depois do 'milagre' italiano do desenvolvimento económico acelerado dos anos 50-70<sup>5</sup>, as marcas italianas conquistaram os mercados internacionais e empresas como a Benetton, Gucci ou Ferrari tornaram-se modelos de sucesso<sup>6</sup>. Também é verdade que hoje o ânimo económico é bem diferente.

**As celebrações dos 150 anos da unificação política da Península Itálica proporcionaram a oportunidade para a reflexão sobre a identidade nacional dos italianos, o caminho percorrido no sentido da respetiva configuração, as dificuldades sentidas, os momentos de fracasso e as incertezas perante o futuro; mas, ao mesmo tempo, permitiram em simultâneo que se procedesse a uma auto-análise de quem foram e de quem são na atualidade, análise essa fundamental para que a crise do mundo contemporâneo, que a Itália necessariamente também terá de enfrentar, possa ser superada com confiança.**

<sup>1</sup> BERTONHA, 2011, pp. 35-62.

<sup>2</sup> BERTONHA, 2008, 214-218; BERTONHA, 2011, pp. 89-106.

<sup>3</sup> BERTONHA, 2011, p. 12.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 13.

<sup>5</sup> BERTONHA, 2008, pp. 135-140.

<sup>6</sup> BERTONHA, 2011, p. 13.

\* Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

E depois dos anos 90, motivos houve que levaram mesmo a uma questionação do Estado e da Nação. O movimento que virou partido político, a Liga do Norte, cujo objetivo principal era a separação do Norte da Itália, fundando a Padânia, levantou o fantasma do falhanço do Estado unificado. Hoje suavizou as suas ambições separatistas e incorporou-se no *establishment* político, reivindicando uma proposta federalista<sup>7</sup>. Nas eleições regionais de 2010 consegue mesmo, e apesar de tudo, alcançar resultados expressivos no Vêneto, Piemonte e Lombardia, bem como na Toscana e Emília-Romanha<sup>8</sup>, cativando uma fatia razoável do eleitorado, ao arvorar a bandeira do separatismo e da perda de identidade nacional, mediante a evocação da perda do bem-estar económico, dum sentimento anti-imigrante, encarado como o factor responsável pelas mudanças radicais da cultura das regiões, assim como um discurso conservador, contra o aborto, a homossexualidade, a esquerda e a modernidade<sup>9</sup>. Ao valorizar o contacto directo com o povo simples, despreza a intelectualidade e o pensamento crítico, dirigindo-se a uma camada de feição conservadora, de ascensão social recente<sup>10</sup>. Orientado agora para um modelo de federalismo de feição fundamentalmente fiscal, a Liga defende o abandono do Sul à sua sorte, a redução substancial de poderes e das prerrogativas do Estado central, bem como o conseqüente enfraquecimento dos vínculos da Nação Italiana<sup>11</sup>. A oposição entre o “nós”, “trabalhadores e honestos, criadores de riqueza” e o “eles”, “mafiosos, avessos ao trabalho e que vivem à custo do Norte”, defende uma afinidade mais sensível entre os italianos do Norte e os suíços e austríacos do que com os Napolitanos e Sicilianos<sup>12</sup>.

Apesar da inviabilidade de um federalismo segundo o modelo que a Liga defende nos tempos que correm, ainda se continua a insistir na ideia da existência de uma história e uma cultura próprias do Norte, com cerimónias em torno das águas do Pó, visando a criação de uma nova identidade fundada na diferença<sup>13</sup>. Nalgumas escolas, chega-se a divulgar uma versão própria da História italiana, de marca anti-*Risorgimentale*, com a substituição dos símbolos de Itália pelos da Liga nas instituições e espaços públicos dependentes de

prefeitos “liguistas”. Promove-se um campeonato de futebol separado e até concursos de beleza feminina exclusivos para “mulheres da Padânia”<sup>14</sup>.

Num contexto marcado por estes preocupantes sintomas, evidenciou-se o intenso debate a respeito das comemorações dos 150 anos da Unificação. A comissão encarregada das celebrações criticou a pouca vontade do governo em apoiar as actividades programadas e vários dos seus membros chegaram a demitir-se em sinal de protesto<sup>15</sup>. A Liga chegou a questionar se haveria algo de bom a celebrar e alguns dos ministros “liguistas” relativizaram a importância da unidade nacional<sup>16</sup>. O Presidente da República reagiu com ásperas críticas, fundado na opinião da maioria da população que defende uma Itália unida<sup>17</sup>. As comemorações ocorreram com os habituais discursos, pomposos desfiles, cerimónias e simpósios lotados, tudo, muito embora o clima polémico dominante<sup>18</sup>. Bem diferentes tinham sido as celebrações do centenário, em 1961, numa Itália optimista, que acabava de hospedar os Jogos Olímpicos, em 1960, e olhava o futuro com tranquilidade. Os historiadores debatiam as falhas no projecto de construção da nação italiana, criticavam as limitações do *Risorgimento* e da classe política liberal, mas também reconheciam os acertos que haviam permitido desembocar na boa fase da Itália em que viviam<sup>19</sup>. Hoje a reflexão é outra, sobretudo nos meios de comunicação social, centrada no debate das eternas razões do “fracasso” italiano, e perscrutam-se as razões que sustentam as versões dos interesses políticos e identitários da Liga do Norte, como também dos menos expressivos movimentos autonomistas do Sul ou de outros que ficaram à margem do processo desencadeado em 1861. Enfim, aspectos que revelam a delicadeza do momento hoje vivido<sup>20</sup>.

Outro dos desafios à coesão nacional invocados no presente diz respeito à forte imigração que representa nos dias que correm uma força fundamental para a economia e para o funcionamento da sociedade italiana. Desde 1990, os residentes em Itália provenientes de outros países aumentou 20 vezes, atingindo o número de cerca de cinco milhões<sup>21</sup>. As relações sociais estabelecidas não são propriamente amistosas, quando

<sup>7</sup> *Idem*, p. 17.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 18.

<sup>9</sup> *Idem*, pp. 19-20.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 20.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 20.

<sup>12</sup> BERTONHA, 2008, pp. 70-74; BERTONHA, 2011, p. 21.

<sup>13</sup> BERTONHA, 2011, pp. 22-23.

<sup>14</sup> *Idem*, p. 23.

<sup>15</sup> *Idem*, pp. 24-25.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 25.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 25.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 25.

<sup>19</sup> BERTONHA, 2008, pp. 53-57; BERTONHA, 2011, p. 25.

<sup>20</sup> BERTONHA, 2011, p. 26.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 26.

não marcadas mesmo por uma certa tensão. Encarados como desocupados, ladrões de postos de trabalho, a eles se atribui a responsabilidade da decadência dos Serviços Sociais, sobremaneira no campo da saúde e educação<sup>22</sup>. Naturalmente que a sua relação com os nativos varia conforme a procedência e as regiões de acolhimento. De qualquer modo, a imigração representa hoje mais um factor que corrói a identidade nacional, sob o ponto de vista sócio-económico e interesses políticos, quando não mesmo devido aos reflexos de racismo e intolerância – aspectos que são explorados pela direita em geral e pela Liga em particular<sup>23</sup>.

Mediante este esboço rudimentar da situação, poder-se-ia chegar à conclusão que a Itália atravessa um momento de crise no que diz respeito à sua identidade nacional. Mas a exploração das diferenças culturais entre Norte e Sul sempre estiveram presentes na imprensa e na literatura, e nem sempre vistas de modo negativo<sup>24</sup>. As mazelas sofridas pelos meridionais com a unificação sempre ocuparam os historiadores. E o recente sucesso de resgate da auto-estima dos meridionais pode ser visto como um sinal das tensões e ressentimentos inter-regionais<sup>25</sup>. Recorde-se que no campo linguístico a Itália não é um país de língua única<sup>26</sup>. Os dialectos continuam vivos, os sotaques e as variações regionais permanecem. Já para não falar de grupos aloglotos, como o alemão, o croata, o grego e o francês<sup>27</sup>. Apesar do substrato da *pasta* e do *sugo*, também a cozinha italiana é bastante diversificada conforme as regiões do país<sup>28</sup>. Não obstante outros factores que poderiam ser invocados, também reconhecemos que a força da identidade italiana resulta precisamente dessa familiaridade de o povo conviver com as múltiplas identidades locais e regionais, numa dialéctica de competitividade, mas também de mútuo reforço<sup>29</sup>. A Itália é assim e, por isso, os riscos à sua unidade nacional e cultural talvez sejam menores do que por vezes se alardeia. No jornal *La Repubblica*, de 10 de Dezembro de 2010, foi publicado um estudo (“Gli Italiani e lo Stato XIII”), segundo o qual 88% da população consideram a unidade do país como algo de positivo, parecer que convive com um sentimento de desconfiança mútua e até intolerância da população

do Norte face à do Sul<sup>30</sup>. Aí se reproduz o dilema da Itália de hoje: a maioria sente-se italiana e quer continuar como tal, mas os preconceitos e ressentimentos históricos que a dividem não são desprezíveis.

Recorde-se que são séculos de herança de um processo nem sempre pacífico. Depois da desintegração do Império Romano, em 476, e durante o período conturbado das invasões na Alta Idade Média, assistiu-se a um processo de estilhaçamento da realidade política peninsular. Raros foram os momentos em sentido contrário, se bem que os tivesse havido com a sucessiva fundação dos reinos dos povos invasores com preocupações hegemónicas, como o dos ostrogodos, a ocupação bizantina<sup>31</sup>, o dos Lombardos<sup>32</sup>, o Reino Itálico Independente (887-962)<sup>33</sup> e depois a inclusão da Península no Sacro Império Romano-Germânico<sup>34</sup>. No século XV-XVI novos projectos de unificação aparecem sob a égide dos Médicis de Florença, que se contrapõem às ambições dos Visconti de Milão, e assim, se anulam mutuamente<sup>35</sup>. É no século XVIII que as aspirações à unificação da Península Itálica começam a consubstanciar-se cada vez mais e se traduzem na necessidade de se definir uma capital cultural da Itália a fim de barrar o imobilismo político, económico e cultural em que havia caído<sup>36</sup>. É a intelectualidade que se faz porta-voz destas ambições, traduzindo-se tais expectativas na fundação de uma academia, a Arcádia, com o objectivo de agregar os membros de todos os estados italianos (e não só), que melhor exprime esse desejo generalizado<sup>37</sup>. A Revolução Francesa acelera o processo, com avanços e recuos, a experiência gorada de várias repúblicas<sup>38</sup>, as revoluções românticas<sup>39</sup>, por um lado, e o retorno dos monarcas durante o período da Restauração, até ao momento em que se torna inevitável a unificação em meados do século XIX<sup>40</sup>. Surgem então figuras que conduzem o processo político, como Mazzini que funda a *Giovine Italia* e a *Giovine Europa*<sup>41</sup>; ou, provenientes de círculos liberais moderados<sup>42</sup>, como Vincenzo Gioberti<sup>43</sup>, Cesare Balbo<sup>44</sup>, e Massimo d'Azeglio<sup>45</sup>. Os monarcas, sobretudo o do Piemonte, o Grão-Duque da Toscana e o Papa tecem as suas estratégias, até que a 1.ª Guerra da Independência deflagra no período

<sup>22</sup> *Idem*, p. 27.

<sup>23</sup> *Idem*, pp. 28-29.

<sup>24</sup> BERTONHA, 2008, pp. 67-70.

<sup>25</sup> BERTONHA, 2011, p. 30.

<sup>26</sup> BERTONHA, 2008, pp. 240-244.

<sup>27</sup> BERTONHA, 2011, p. 31.

<sup>28</sup> BERTONHA, 2008, pp. 244-252; BERTONHA, 2011, pp. 31-32.

<sup>29</sup> BERTONHA, 2008, pp. 265-266; BERTONHA, 2011, p. 32.

<sup>30</sup> BERTONHA, 2011, p. 32.

<sup>31</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 48-65.

<sup>32</sup> *Idem*, pp. 66-79.

<sup>33</sup> *Idem*, pp. 98-101.

<sup>34</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 101-105; ROMANO, 1978, pp. 34-52.

<sup>35</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 414-245; ROMANO, 1978, pp. 56-58.

<sup>36</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 372-386.

<sup>37</sup> ROMANO, 1978, p. 83.

<sup>38</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 412-421; NÉRÉ, 1978, pp. 291-296.

<sup>39</sup> NÉRÉ, 1978, pp. 296-299.

<sup>40</sup> ROMANO, 1978, pp. 83-96; BERTONHA, 2008, pp. 46-47.

<sup>41</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 422-427.

<sup>42</sup> *Idem*, pp. 427-433.

<sup>43</sup> GIOBERTI, 1845.

<sup>44</sup> BALBO, 1844.

<sup>45</sup> D'AZEGLIO, 1846.

<sup>46</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 433-446; NÉRÉ, 1978, pp. 299-303; BERTONHA, 2008, pp. 47-49.

<sup>47</sup> HEARDER, 2000; ROMEO, 1984, 2004; ROMEO, 1977, 1984; e VIARENGO, 2010.

<sup>48</sup> CALCI, 2008; CARCASSI, 2001; ISNENGI, 2010; MILANI, 2006; POSSIERI, 2010; RIALI, 2011; SCIROCCO, 2009; e SMITH, 2009.

<sup>49</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 447-456; NÉRÉ, 1978, pp. 303-305.

<sup>50</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 456-459; NÉRÉ, 1978, p. 306.

<sup>51</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 459-466; NÉRÉ, 1978, pp. 307-309.

<sup>52</sup> SALVATORELLI, 1974, pp. 467-492; NÉRÉ, 1978, pp. 309-318; ROMANO, 1978, pp. 97-108.

<sup>53</sup> BERTONHA, 2008, pp. 57-62.

<sup>54</sup> VERGA, 1856-57; 1861-62; 1871; 1880; 1881; 1882; 1883; 1887 e 1889.

<sup>55</sup> DE AMICIS, 1886.

<sup>56</sup> FOGAZZARO, 1895 e 1901.

<sup>57</sup> DE ROBERTO, 1894.

<sup>58</sup> JOVINE, 1942.

<sup>59</sup> LAMPEDUSA, 1958.

agitado das revoluções europeias de 1848<sup>46</sup>. Porém, os resultados alcançados, da unidade do Norte, são anulados com a ação de Radetzky, o todo-poderoso marechal austríaco que recupera a Lombardia e o Vêneto. Grassa o descontentamento, mas o Piemonte define-se então como o único estado italiano capaz de liderar o processo da unificação. Benso Cavour é o estratega político que o consegue, mediante uma hábil diplomacia a nível europeu<sup>47</sup>. Garibaldi completa o triunvirato com a ação militar<sup>48</sup>. A 2.<sup>a</sup> Guerra de Independência alcança a anexação dos Ducados da Emília-Romanha e da Toscana<sup>49</sup>. Depois é a expedição dos Mil que ocupa a Sicília e o reino de Nápoles e plebiscitos subsequentes confirmam a anexação. Para se contar com o apoio da França, perde-se, no entanto, o condado de Nice e a Sabóia Francesa. Em 1861, Victor Emanuel II é reconhecido como “Rei de Itália pela graça de Deus e vontade do Povo”. Elege-se um novo Parlamento e proclama-se o Reino de Itália<sup>50</sup>.

A próxima etapa visava ainda a inclusão dos territórios da República de Veneza e dos Estados Pontifícios, bem como os das terras irredentas (Trentino, Tirol, Trieste e Dalmácia), que só tardiamente viriam a entrar para dentro das fronteiras do Estado Italiano. Mas depois da morte de Cavour, a classe política revela dificuldades na condução do processo. Em 1866 deflagra a 3.<sup>a</sup> guerra que acaba com a ocupação do Vêneto e, em 1870, quando a França se vê incapaz de agir com a derrota na Guerra Franco-Prussiana, realiza-se a marcha sobre Roma, a transposição dos muros da cidade na Porta Pia e a sua inclusão no Reino de Itália, agora como capital<sup>51</sup>.

Um longo percurso de reorganização política, económica e até militar havia a fazer<sup>52</sup>. Uma identidade nacional urgia construir<sup>53</sup>. Obras de autores da época, como Giovanni Verga<sup>54</sup>, denunciam e retratam as deficiências do processo de unificação, nem sempre pacífico. Outros apontam linhas para o futuro, como Edmondo de Amicis<sup>55</sup>. Mas o *Risorgimento* cedo adquiriu uma aura de gesta que recrutava e contagiava toda a população. Ao longo destes 150 anos, Antonio Fogazzaro<sup>56</sup>, Federico de Roberto<sup>57</sup>, Francesco Jovine<sup>58</sup> ou Giuseppe Tomasi di Lampedusa<sup>59</sup>, entre muitos, muitos mais, recuperam

os feitos praticados durante as lutas da unificação e recomparam-nos à luz de uma nostalgia que lança sobre eles um halo dourado de tempos de glória de um povo que se orgulha do seu passado e da gesta de construção de uma nação<sup>60</sup>.

Por isso, não obstante as dificuldades enfrentadas, durante este século e meio, os italianos aprenderam a conviver com as tensões resultantes desta oscilação pendular explicadas pelo movimento da história, que tanto os impelia para a unidade, como os confrontava com o fracasso, mas o certo é que todas as previsões de esfacelamento do Estado nacional falharam e, afinal, parece haver motivos para acreditar que a Itália está consolidada e, em última instância, se justificaram as celebrações da unificação.

### Referências Bibliográficas:

- BALBO, Cesare, *Le Speranze d'Italia*, Torino, UTET, 1844.
- BERTONHA, João Fábio, *Itália. Presente e Futuro*, São Paulo, Editora Contexto, 2011.
- BERTONHA, João Fábio, *Os Italianos*, São Paulo, Editora Contexto, 2008.
- CALCI, Carmelo, *Garibaldi e i suoi tempi. Immagini dei protagonisti*, Roma, Bardi Editore, 2008.
- CARCASSI, Ugo, *Giuseppe Garibaldi: profilo di un rivoluzionario*, Sassari, Carlo Delfino Editore, 2001.
- D'AZEGLIO, Massimo, *Degli ultimi casi di Romagna*, 1846.
- DE AMICIS, Edmondo, *Cuore*, Milano, Treves, 1886.
- DE ROBERTO, Federico, *I Viceré*, Milano, Galli, 1894.
- FOGAZZARO, Antonio, *Piccolo Mondo Antico*, Milano, Galli, 1895.
- FOGAZZARO, Antonio, *Piccolo Mondo Moderno*, Milano, Hoepli, 1901.
- GIOBERTI, Vincenzo, *Primato morale e civile degli italiani*, Losanna, S. Bonamici e Compagnia, Tipografi Editori, 1845.
- HEARDER, Harry, *Cavour. Un europeo piemontese*, Bari, Laterza (Ediz. Ital. de *Cavour*, 1994), 2000.
- ISNENGI, Mario, *Garibaldi fu ferito. Il mito, le favole*, Roma, Donzelli Editore, 2010.

<sup>60</sup> BERTONHA, 2008, pp. 49-53.

- JOVINE, Francesco, *La Signora Ava*, Roma, Editore Tuminelli, 1942.
- LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi di, *Il Gattopardo*, Milano, Feltrinelli, 1958.
- MILANI, Mino, *Giuseppe Garibaldi (Storia, biografie, diari)*, Milano, Mursia, 2006.
- NÉRÉ, Jacques, *História Universal. O Mundo Contemporâneo*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 291-318, 333-354 e 401-416, 1978.
- POSSIERI, Andrea, *Garibaldi*, Bologna, Il mulino, 2010.
- RIALL, Lucy, *Garibaldi. L'invenzione di un eroe*, Milano, Mondadori, 2011.
- ROMANO, Ruggiero, *História da Itália*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1978.
- ROMEO, Rosario, *Vita di Cavour*, Bari, Laterza, 1984, 2004.
- ROMEO, Rosario, *Cavour e il suo tempo* (3 voll. *Cavour e il suo tempo: 1810-1842*, *Cavour e il suo tempo: 1842-1854*, *Cavour e il suo tempo: 1842-1861*), Bari, Laterza, 1977, 1984.
- SALVATORELLI, Luigi, *Sommario di Storia d'Italia*, Torino, Einaudi, 1974.
- SCIROCCO, Alfonso, *Garibaldi. Battaglie, amori, ideali di un cittadino del mondo*, Roma-Bari, Editori Laterza, 2009.
- SMITH, Denis Mack, *Garibaldi*, Milano, Mondadori, 2009.
- VERGA, Giovanni, *Amore e patria; I carbonari della montagna*, Palermo, Ed. del sud, 1929/ 1856-57 e 1861-62.
- VERGA, Giovanni, *Storia di una Capinera*, Milano, Lampugnani, 1871.
- VERGA, Giovanni, *Vita dei campi. Nuove novelle*, Milano, Treves, 1880.
- VERGA, Giovanni, *I Malavoglia*, Milano, Treves, 1881.
- VERGA, Giovanni, *Pane nero*, Catania, Giannotta, 1882.
- VERGA, Giovanni, *Per le vie*, Milano, Treves, 1883.
- VERGA, Giovanni, *Vagabondaggio*, Firenze, Barbera, 1887.
- VERGA, Giovanni, *Mastro Don Gesualdo*, Milano, Treves, 1889.
- VIARENCO, Adriano, *Cavour*, Roma, Salerno Editrice, 2010.

## A fulguração da morte na obra literária de Daniel Faria (10.04.1971 - 09.06.1999)<sup>1</sup>

Mário Garcia, SJ\*

**A**o morrer, noviço beneditino do Mosteiro de Singeverga, aos 28 anos de idade, em 1999, Daniel Faria não era, propriamente, um desconhecido. Publicara cinco livros de poesia e deixara outro, na sua cela, quase pronto. Ganhara prémios em concursos poéticos (de muito limitada notoriedade, no entanto); o seu estilo de ser e de escrever a ninguém deixava insensível; acreditava-se, depois da publicação dos seus dois últimos livros, ambos de 1998, que era uma voz inovadora da poesia portuguesa. E a sua projecção tornou-se universal, quando veio à luz, no ano 2000, o volume *Dos líquidos*; em 2003, *Poesia*, reunida e completa, com alguns inéditos, a cargo de Vera Vouga e, em 2007, *O livro do Joaquim*, redigido numa escrita “nas suas mais diversas vertentes”, como afirma o editor e prefaciador Francisco Saraiva Fino. Actualmente, dispomos de uma publicação, *Poesia*, saída em 2012, exactamente igual ao volume, *Poesia*, de 2003. Espera-se que a Comissão de Edição de Daniel Faria lance, com rigor e celeridade, o que falta conhecer da herança do Poeta, “tão fabulosa quão delicada de gerir” (Vera Vouga, 9).

**Esta comunicação intende mostrar, em toda a sua amplitude, a “explicação” do verso: O meu projecto de morrer é o meu ofício. Usando a palavra lâmina, como tópico de leitura, fixamo-nos na Trilogia poética: “Explicação das árvores e de outros animais” (1998), “Homens que são como lugares mal situados” (1998) e “Dos líquidos” (2000); e em “O livro do Joaquim” (2007). A morte é luminosa e polémica, como a lâmina; pronuncia o nome de “uma pessoa” que se vai descortinando. Não deparamos com um significado doloroso, ou mesmo sacrificial, da morte, ou do “sangue”, mas, pelo contrário, de comunhão jubilosa, de vida, de encontro definitivo com Cristo, o “Verbo / Tão inteiro que se fez espelho”. A morte, em última análise, “abre passagem”, é sinónimo de “páscoa”. A fulguração da morte é a Ressurreição.**

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no Congresso Internacional “Do Reino das Sombras. Figurações da Morte”, Braga, Faculdade de Filosofia da Universidade Católica, 25.X. 2012.

\* Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.  
(E-mail: mgarcia@braga.ucp.pt).